

Do papel à rede: tecendo narrativas femininas

Sinto-me presa. Não enxergo nada que me prenda, mas ainda assim... sinto-me presa. Meus movimentos estão limitados, o corpo coisificado. Vejo marcas em meus pulsos, há uma corda... uma corda invisível. Cada vez que passa, é mais difícil de escrever. Minhas mãos estão atadas em nós apertados. Assim como a personagem do conto *O Papel de Parede Amarelo* (2015), de Charlotte Perkins Gilman, desejo libertar-me, mas "Acredito, plenamente, que pensa que foi a escrita que me fez ficar doente!" (Gilman, 2015, np).

No primeiro parágrafo deste texto, inicio narrando, propositalmente e poeticamente, a angústia de ser mulher em uma sociedade patriarcal e capitalista, um sistema que é tanto econômico quanto político. Por isso, convido-o, caro leitor, a refletir: quem pensa que a escrita nos adoeceu? Por que, historicamente, as mulheres foram desencorajadas a escrever? Atualmente, com políticas neoliberais ganhando força no mundo e a ideologia capitalística colonial, há o sufocamento do riso, poesias sendo apagadas e o medo da incerteza inconclusiva da vida. As imaginações, sensações, sentidos e afetos são hierarquizados pelo racionalismo dominante. Somos moldados por formações repressivas e dominantes. Somos territorializados.

No conto *O Papel de Parede Amarelo* (2015), a protagonista foi territorializada em seu quarto, mas foi desterritorializada ao entrar em devir com aquele papel de parede amarelo. Dialogando com Deleuze e Guattari (1992), poderíamos ir além do já sabido e sentirmos o desejo

daquela mulher em buscar linhas de fuga... em buscar o desejante. Aquela mulher, como muitas de nós estigmatizada como "histórica", ressignificou o '*espaçotempo*'¹ do vivido, reterritorializou-se sobre o poder imaginativo da escrita, "a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema [...]" (Deleuze; Guattari, 1997, p. 224).

Tal como aquela personagem não nomeada, que entrou em um devir-papel de parede, "eu tenho que dizer o que sinto e penso, de qualquer modo — é um alívio tão grande!" (Gilman, 2015, np). Desse modo, busco nos cotidianos, com um foco investigativo para o Instagram, narrativas de libertação, narrativas de mulheres que fabulem e criem. Mulheres que historicamente tiveram suas narrativas silenciadas. Mulheres que desafiaram quem e o que era legitimado, mesmo que "ele detesta que eu escreva uma palavra que seja" (Gilman, 2015, np).

Conforme exposto por Castells (2013), o ciberespaço pode ser "espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder" (Castells, 2013, p. 7). Em concordância com o autor, defendo que o Instagram é uma rede social capaz de criar novos '*espacostempos*' de aprendizagens, insurgindo narrativas femininas aprisionadas e silenciadas ao longo da história.

A lógica de interatividade e compartilhamento do Instagram permite que mulheres expressem suas opiniões e ampliem suas vozes, criando ecos nos corpos de outras mulheres. Devemos evitar um modelo linear, onde a informação era controlada pela lógica branca, heteronormativa, misógena e excludente. Ao contrário, podemos construir coletivamente novos agenciamentos. Neste texto, não abordarei os malefícios do ciberespaço, pois sabemos que a internet não é boa nem má por si só. Contudo, considerarei a possibilidade do Instagram como uma rede social capaz de

¹ "[...] preferimos escrever juntas, em itálico e entre aspas simples, as palavras que aprendemos dicotomizadas pelos modos homogêneos de pensar e escrever. Dessa forma, demonstramos os limites de uma maneira de pensar herdada, e indicamos que podemos criar outros modos de 'prácticas-teorias'" (Alves, 2019, p. 15-16).

engajar e empoderar mulheres, onde é possível recriar e desafiar os papéis que nos foram impostos, “quando o movimento feminista expôs preconceitos na composição e currículos, muitos desses trabalhos esquecidos e ignorados foram redescobertos” (hooks, 2018, p. 40).

Além de buscarmos nosso protagonismo divulgando nossas escritas nas redes, o Instagram também pode servir como forma de protesto contra as situações machistas que sofremos. Um exemplo é a narrativa compartilhada na TPM (@revistatpm), onde a historiadora Dia Nobre (@dianobre_), autora do livro "Incêndios da Alma", resultado de dez anos de pesquisa sobre a beata Maria de Araújo, narra um episódio de machismo extremo. Um professor acadêmico sugeriu que ela se aprofundasse no tema lendo um livro de “um autor renomado”, sem perceber que esse “autor” era a própria Dia Nobre. Apesar de ser uma autora de referência para área, ela foi invisibilizada pelo patriarcado que, frequentemente, coloca as mulheres como coadjuvantes de grandes feitos, e nunca como protagonistas... “Levei um tempo para digerir o que aconteceu. Aquele 'esquecimento' do professor se devia a uma estrutura muito consolidada que exclui as mulheres de tudo o que é considerado científico, artístico ou importante” (Nobre, 2024, @revistatpm).

Figura 1 - Publicação do Instagram @revistatpm e @dianobre



Fonte: Instagram², 2024

Para encerrar, mesmo que ainda esteja no começo, e visibilizando a natureza inconclusiva da vida, retorno à desobediência a uma normatividade predominante, convocando uma luta no contrafluxo do instituído. É preciso pensar de outros modos, nos descoisificar para sentir a sensibilidade que nos rodeia. É preciso buscar micropolíticas desejanter. É preciso escrever o que nos fortalece e para quem nos fortalece. É preciso desbravar os cotidianos e atirar-se em uma posição contra-hegemônica. E, finalmente, é preciso que nós, mulheres, compartilhemos nosso escrito, mesmo que queiram nos calar... não nos calarão. Será que esta autora que vos narra permitirá ser autorizada em rede? Talvez esse seja um texto para o próximo 'post'...

² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C77gpotJ7h1/?igsh=MTluamw3Mnp0ODRubg==>

Referências:

Castells, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GILMAN, Charlotte Perkins. *O papel de parede amarelo*. Tradução: José Manuel Lopes. Lisboa: Fyodor Books, 2015 Disponível em: <http://mamaesoucult.wordpress.com>

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Edição Kindle.

Sobre a autora:

Thayra Fernandes Pereira é mestranda pelo Proped/UERJ, egressa do curso de Pedagogia da UERJ-FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense). Durante sua formação acadêmica, desenvolveu interesse no campo da Filosofia da Diferença, de Deleuze e Guattari. Aprofundou seus estudos na arte literária, principalmente, na leitura que devir-outro. Movida por sentidos, buscou desatar os nós das subjetividades capitalísticas e, a partir disso, procurou práticas micropolíticas de libertação.